

**XVII CONGRESSO DE
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ**
Tecnologias da Educação: passado, presente, futuro



Anais XVII Congresso de História da Educação do Ceará. V.1, 2018, ISSN 2237-2229

**A MULHER E O SABER: A INSTRUÇÃO RECEBIDA PELAS ALUNAS DO COLÉGIO
DA IMACULADA CONCEIÇÃO, NA DÉCADA DE 1950, EM FORTALEZA**

Adalucami Menezes Pereira Gonçalves²⁹

Gisafran Nazareno Mota Jucá³⁰

RESUMO

O presente estudo apresenta algumas formas pelas quais as alunas do Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza, também conhecido como CIC, recebiam sua instrução e eram educadas, tanto para exercerem a profissão de professora, quanto para serem boas esposas, mães e donas de casa, na década de 1950. O objetivo deste trabalho é repassar as diversas condutas educacionais utilizadas pelo colégio para formar suas alunas, bem como ressaltar o espírito intelectual de algumas delas, como o da escritora Rachel de Queiroz, que se formou em período anterior ao analisado nesta pesquisa – entretanto, por sua importância no cenário nacional, não pode deixar de ser mencionada –, e o da jornalista Adísia Sá, que concluiu seus estudos no CIC, em 1951, e obteve significativa visibilidade no universo intelectual cearense. Também faz parte do intuito deste artigo, compreender os contextos sociais e históricos nos quais as estudantes da década de 1950 estavam inseridas, além da maneira como acontecia a repressão em relação a algumas leituras, sendo necessário driblar proibições ou acatar – momentaneamente – as circunstâncias. No que tange à metodologia, fizemos, em um primeiro momento, uma análise bibliográfica, tendo em vista que por se tratar de uma abordagem ligada ao século XX e a estudantes femininas, faz-se necessário certo conhecimento sobre a condição das mulheres, em variados períodos, mas, principalmente, na época supracitada, no que concerne à educação que essas mulheres recebiam.

²⁹Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: dalumenezes@gmail.com

³⁰Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Titular da Universidade Estadual do Ceará. Professor da Pós-Graduação em História da Educação Comparada da Universidade Federal do Ceará. E-mail: gisafranjuca@gmail.com

Com base nisso, fizemos uso das obras de Perrot (2008) e Del Priore (2017), predominantemente, e também dos livros escritos pelas próprias – hoje – ex-alunas do colégio, além das abordagens metodológicas de Gil (2002). Em momento posterior, utilizamos a pesquisa qualitativa, além da história oral, tendo em vista que também fizemos uso de entrevista realizada com uma ex-aluna. Para isso, usamos Bauer e Gaskell (2002), Ferreira e Amado (2006) e Jucá (2011), mais precisamente. Quanto aos achados da pesquisa, é possível dizer que as alunas da década de 1950 do CIC, em Fortaleza, viveram imposições, foram catequisadas dentro de uma moral extremamente tradicional, precisaram se adequar, mas também souberam usufruir do conhecimento adquirido e tentaram, de certa forma, construir seus próprios espaços.

Palavras-chave: CIC. Mulher. Saber. Educação.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o saber não foi visto como algo inerente às mulheres, pois a condição feminina não podia estar atrelada ao conhecimento, que só deveria fazer parte da natureza do homem. “Como é sagrado, o saber é apanágio de Deus e do homem, seu representante sobre a terra. É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso” (PERROT, 2017, p. 91). Logo, tal ação da personagem Eva potencializou uma mentalidade que foi divulgada por muitas épocas, inclusive, Aranha (1996, p. 81) afirma que na Idade Média, por exemplo, era permitido às mulheres pobres apenas trabalharem ao lado dos maridos e, assim como eles, permanecerem analfabetas, cabendo somente às moças nobres receberem algum estudo em seus castelos.

Nos séculos XVII e XVIII, em Portugal e no Brasil, por mais estranho que possa parecer, as mulheres consideradas cultas eram, muitas vezes, enviadas aos conventos, pois no período mencionado, a vocação religiosa não era o único motivo pelo qual uma jovem era destinada à vida no claustro. “A rebeldia, a sensualidade, o interesse intelectual, uma personalidade excessivamente romântica e apaixonada, um corpo demasiado atraente faziam com que se encerrassem moças nas celas úmidas dos mosteiros” (MIRANDA, 2014, p. 8). Ou seja, é possível perceber que o espírito voltado às letras e ao conhecimento era tido como um malefício e este precisaria ser aniquilado.

Esse contexto que tentava banir a cultura do ideal feminino, no qual a mulher estava inserida, possuía uma relação direta com a dominação masculina, pois havia a disseminação da ideia de que a mulher culta inspirava cuidados, tendo em vista existir a crença de que a

feminilidade era contrária ao saber. A mentalidade difundida pregava que a leitura abria “as portas perigosas do imaginário” (PERROT, 2017, p. 93) e, portanto, induzia as mulheres a atos não permitidos moralmente. Essa mentalidade era, de fato, muito incisiva, tanto que até mesmo a literatura abordou tal questão. A obra *Madame Bovary*³¹, de Gustave Flaubert, é um exemplo, pois apresenta uma personagem feminina, casada, devoradora de romances e que deseja viver o amor como lê nos livros, para isso, passa a trair o marido.

Portanto, o saber feminino era visto como sinônimo de ameaça. Por isso, a necessidade de se oferecer pouco ou quase nada de conhecimento às mulheres. Desta forma, “durante o período da Revolução Francesa, por exemplo, alguém que soubesse ler, lia para os outros nas tabernas” (TELLES, 2017, p. 402), já no século XVII, na Inglaterra, “um operário que soubesse ler, lia para os companheiros à saída das fábricas ou oficinas” (TELLES, 2017, p. 402), cabendo sempre à figura masculina ser a mensageira e receptora do conhecimento.

Entretanto, a partir do século XIX, percebe-se “uma mudança no público leitor. Ele se torna muito maior e se constitui, em grande parte, de mulheres burguesas” (TELLES, 2017, p. 402). Contudo, a educação voltada, predominantemente, para os cuidados com o lar e marido continuaram tendo primazia na instrução das jovens. Porém, a partir do século XX, muitas mulheres passaram a desejar o saber intelectual “como a um amante” (PERROT, 2017, p. 95) e, portanto, a querê-lo para si. É nesse contexto que o presente trabalho está inserido, em discutir como a educação feminina do Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, mais precisamente na década de 1950, era repassada às alunas da época, de que modo as leituras foram proibidas, quais atividades intelectuais eram propostas e como algumas estudantes tiveram êxito e notoriedade no campo do saber.

ENTRE O PERMITIDO E O PROIBIDO: AS FACES DO CONHECIMENTO DESTINADO ÀS ALUNAS DO CIC, EM 1950

³¹ A obra que tem como personagem principal Emma Bovary causou polêmica na França do século XIX, pois contava a história de uma moça do campo, que sonhava com uma vida burguesa. Porém, Charles Bovary, seu esposo, era um médico do interior, sem grandes ambições. Frustrada com o casamento tedioso, Emma passou a ter aventuras amorosas, na busca pelo amor romântico. “O destino de Emma é a morte. Dessa forma, Flaubert aponta a morte da visão romântica, ao mesmo tempo em que critica, de modo impiedoso, a falsidade da sociedade burguesa” (ABAURRE; PONTARA, 2005, p. 382).

O Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, surgiu em 1865³² e foi fundado pela Ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo³³. Dirigido por um grupo de freiras de origem predominantemente francesa, o CIC embutiu e repassou sua educação com base nos modelos vindos da França – tanto que o francês passou a ser idioma obrigatório, a partir do Primário (hoje, ensino fundamental), na educação das meninas³⁴. Assim, as jovens da provinciana Fortaleza foram instruídas seguindo os paradigmas educacionais europeus, o que perdurou por muitas décadas, chegando, inclusive, à de 1950, período abordado neste estudo.

Durante a época mencionada, o maior foco do colégio era educar moralmente suas alunas, tornando-as capacitadas para exercerem a profissão de professora – caso fosse do desejo delas – e, principalmente, estarem aptas a serem boas esposas e mães. Nessa perspectiva, o CIC conduzia suas aulas e disciplinas com ênfase em conhecimentos intelectuais, mas também voltados ao saber das coisas úteis, como era chamada a aprendizagem ligada às tarefas referentes ao lar, principalmente nos últimos anos de colégio.

O currículo incluía matérias pedagógicas, dentre elas, todas as metodologias, muita aula de religião e formação, higiene e puericultura, economia doméstica e muito trabalho prático, como: álbuns, cartazes, modelos de quadros e estágios. Era assim a rotina desses últimos três anos. Várias colegas já tinham namorado firme e as aulas de trabalhos manuais tinham para estas alunas sonhadoras o objetivo de preparar o enxoval (SOARES, 2013, p. 82-83).

Ou seja, é possível perceber que um dos maiores objetivos do CIC era formar jovens “prendadas”, como se diz popularmente, para o matrimônio. Pois é sabido que uma das funções da escola confessional, na década de 1950, era a de orientar uma moça para efetuar um bom casamento, e isso só poderia acontecer se a jovem tivesse sido educada conforme os padrões sociais que a época exigia.

Sobre tais informações, faz-se necessário mencionar que o uso da pesquisa bibliográfica, no que tange a este estudo, proporcionou-nos um conhecimento aprofundado a respeito das questões aqui abordadas. Gil (2002, p. 44) ressalta que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”,

³² O Colégio da Imaculada Conceição, pioneiro na formação intelectual de jovens, foi fundado em Fortaleza em 1865. Inicialmente instalado à Rua Formosa, número 28 e 30, com a dupla finalidade de abrigar, educar as meninas órfãs que deveriam receber, além da educação, o ensino de outras atividades úteis. Disponível em: <http://www.imaculadafortaleza.com.br/modulo.php>. Acesso em: 10/08/2018

³³ Desde que foi fundado, em 1865, o CIC transmite, como parte de sua proposta pedagógica, uma consciência pautada no caráter assistencial, com ações direcionadas, principalmente, aos idosos pobres, pois essa era a ideologia disseminada por Vicente de Paulo e Luiza de Marillac, os fundadores da Companhia.

³⁴ As alunas contam que as aulas de francês eram divertidas. Elas mencionam, em um de seus livros, que o professor, chamado de *Monsieur*, “usava de todas as motivações possíveis para transmitir aquela língua europeia” (SOARES, 2013, p. 78).

desta forma, além de nos ter sido possível o acesso às análises dos teóricos canônicos, também pudemos fazer uso dos escritos das próprias ex-alunas da década de 1950, já que elas escreveram muitos livros sobre como era ser mulher e educada no CIC.

“O casamento-modelo definia atribuições e direitos distintos para homens e mulheres. Tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos eram consideradas deveres exclusivamente femininos” (PINSKY, 2017, p. 626), por esse motivo, desde a sua fundação, o CIC preocupou-se em transferir os saberes ligados ao “bem-estar” da casa, pois essa seria uma ocupação exclusiva das mulheres. Inclusive, no Regulamento das Órfãs – documento oficial do colégio no século XIX, podemos observar a confirmação dessas informações: “Art. 5º – O ensino das órfãs consiste no seguinte: instrução religiosa, leitura e escrita portuguesa e francesa, as quatro operações de aritmética, geografia, história sagrada, civilidade, música vocal, lavar, engomar, bordado, tecer, flores, costura, sapatos” (SOARES, 2013, p. 39). Entretanto, é possível perceber, por meio dos livros escritos pelas próprias estudantes, que havia um lugar de destaque ao ensino intelectual e artístico, promovido mediante atividades variadas.

Além do vasto currículo oferecido nos moldes determinados pelas leis educacionais vigentes, usando métodos e técnicas pedagógicas sempre atuais, não se descuidava da educação extracurricular. Havia incentivo à prática de esportes, com promoção de torneios internos e intercolégiais.

As atividades culturais também mereciam toda a atenção das mestras, que descobriam e desenvolviam talentos na oratória, poesia e prosa, em concursos promovidos pelo Grêmio e pelo jornal “A Voz do Colégio”.

As artes não eram esquecidas, havendo a realização de peças teatrais, o incentivo à música, desenho e pintura, haja vista a realização das aulas de socialização pelas quais tínhamos uma motivação toda especial, não só por serem dadas num ambiente diferente – o auditório, mas, sobretudo porque aquelas aulas nos proporcionavam momentos de descontração e confraternização (SOARES, 2013, p. 95).

Contudo, apesar das afirmações acima ressaltarem o interesse do colégio em promover certo aprofundamento cultural na educação das alunas, havia também algumas proibições latentes, gerando várias censuras, dentre elas, as que estavam ligadas às leituras que as estudantes podiam fazer. Por exemplo, obras brasileiras como *A Carne*, de Júlio Ribeiro, e *Senhora*, do cearense José de Alencar, eram enfaticamente proibidas; a primeira, provavelmente, por apresentar uma mulher livre sexualmente, e a segunda, porque trata da vida de uma mulher independente, no sentido econômico; ou seja, eram livros que abordavam imagens femininas jamais aceitas pela sociedade cearense dos anos cinquenta.

Nesse aspecto, a pesquisa qualitativa foi de extrema importância para as colocações acima ressaltadas. De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p. 23), “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *off*. O protótipo mais

conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade”. Também foi de grande relevância o uso da história oral, pois conforme Ferreira e Amado (2006, p. XIV), “o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma”.

Sendo assim, pudemos utilizar a entrevista da Irmã Rita de Cássia Ramos de Vasconcelos, que nos foi concedida. A Irmã Rita formou-se no CIC em 1956 e teceu comentários sobre aquilo que não podia ser lido. Ela afirmou que até mesmo algumas leituras bíblicas eram proibidas, por exemplo, o livro *O Cântico dos Cânticos*. Inclusive, a Irmã enfatizou que só leu a obra quando já havia se tornado freira.

Havia partes da Bíblia que a gente não tinha acesso, por exemplo, o *Cântico dos Cânticos*, eu fui conhecer depois de muito tempo que eu já era Irmã. Porque a *Bíblia* esteve algum tempo na lista dos livros proibidos, por causa da interpretação. Quer dizer, o *Cântico dos Cânticos* é um romance, um romance de natureza celeste, mas... Era deturpado na interpretação.

Jucá (2011, p. 58), ao abordar a história oral, esclarece-nos que “a oportunidade de explorar a relação do subjetivo com um momento histórico distanciado amplia a dimensão do tema estudado, propiciando a descoberta de novas facetas [...]”. Logo, a colocação da Irmã Rita torna-se interessante, pois o *Cântico dos Cânticos*, de fato, foi considerado, por muitos, uma obra sensual, mesmo sendo um livro bíblico.

Falar do belo poema de amor expresso no livro do *Cântico dos Cânticos* é falar de um texto bíblico pouco explorado na vida da igreja. Trata-se de um dos textos bíblicos pouco estudados, embora – possivelmente – seja lido com frequência. Acreditamos que se a moral cristã pudesse, colocaria sobre ele um véu para camuflar sua nudez – lhe travestiria, lhe ocultaria. Felizmente ela não pode mexer no cânon, e o poema erótico lá está, no meio da Bíblia, como que desafiando nosso entendimento sobre a Palavra de Deus a respeito da sensualidade. Por isso, ousamos dizer que ele é “censurado”, parece estar na Bíblia sob censura, pois apesar do reconhecimento da tradição e sua aceitação no cânon do A.T. como texto inspirado, procuramos ocultá-lo; às vezes por meio de uma interpretação alegórica, ou pelo simples desprezo do seu conteúdo no estudo da Bíblia como Palavra de Deus (JARDILINO; LOPES, 2009, p. 1).

Logo, é possível identificar que um texto com natureza literária poderia ser facilmente proibido como leitura para o público feminino. O *Cântico dos Cânticos*, por ser um aglomerado de poemas – com sentido conotativo – apresentava a mesma subjetividade dos romances escritos por autores consagrados (como os já mencionados neste estudo) e, por esse motivo, sua essência imbuída de informações implícitas fazia com que o livro fosse censurado, sem questionamentos. Por isso, na década de 1950, havia o monitoramento em relação ao que era repassado para as alunas, tendo em vista a necessidade de repelir o contato com algumas obras. Ou seja, “a literatura também estava

sob suspeita e os pais e educadores deveriam procurar controlar as leituras das moças, recomendando obras edificantes ou, ao menos, inofensivas à moral e aos bons costumes” (PINSKY, 2017, p. 610).

Assim, é possível constatar que havia uma intensa disposição, por parte de pais e educadores, em não permitirem o acesso das jovens a certos saberes, isso se dava, em grande demanda, pelo empenho em não deixar chegar às moças (e, em certas circunstâncias, até mesmo aos rapazes) informações ligadas ao contexto sexual.

Em nome da manutenção da pureza das garotas, era comum que as informações a respeito da sexualidade humana chegassem a elas marcadas por censuras, reservas, silêncios e preconceitos. Mesmo os rapazes estavam sujeitos à desinformação e à falta de diálogo. Na segunda metade dos anos 50, alguns grupos sociais, pais, jornalistas, educadores e religiosos mais esclarecidos passaram a defender publicamente a educação sexual dos jovens com o objetivo explícito de evitar desastres, como uma gravidez indesejada fora dos limites do casamento (PINSKY, 2017, p. 620).

Entretanto, mesmo havendo a defesa de uma educação sexual para os jovens e, conseqüentemente, para as garotas, a realidade das instituições educacionais ou até mesmo dos veículos de comunicação era outra. Havia ainda o predomínio da desinformação e de um esforço contínuo para que os assuntos ligados à sexualidade permanecessem praticamente ocultos.

Os manuais instrutivos mais popularizados e os artigos de revistas femininas que tratavam do tema não falavam em prazer, mesmo para as mulheres casadas, e sim em *realidade a ser enfrentada, missão a ser cumprida* – a maternidade, *necessidades* do casamento, *obrigações conjugais*. As palavras “sexo”, “relações sexuais”, “virgindade” e “educação sexual” praticamente não apareciam nas revistas para mulheres. *Querida*, a revista feminina mais ousada da época chegou a falar em “relações físicas”, enquanto as outras só se exprimiam por subterfúgios, tais como *familiaridades, intimidades, liberdades, aventuras* (PINSKY, 2017, p. 620).

Essas circunstâncias podem ser percebidas também no contexto em que viviam as alunas do CIC. Em todas as obras escritas por elas, não são mencionados fatos ligados à vida sexual ou a ensinamentos sobre o assunto. Mesmo sendo um colégio que, podemos dizer, também “educava” para o casamento, não havia qualquer tipo de inclinação voltada aos saberes relacionados à sexualidade das alunas. Os depoimentos sempre ressaltam apenas o romantismo das relações amorosas e a necessidade das meninas saberem ser boas esposas e mães. Ou seja, havia somente a preocupação com a moral.

Até a década de 1960, as jovens eram matriculadas nos colégios que mais se identificassem com os valores morais e religiosos defendidos pela família [...]. Buscava-se, com isso, reforçar o que sistematicamente se ensinava em nível doméstico – a moral, o respeito e a disciplina (SOARES, 2013, p. 85).

Todavia, mesmo as escolas confessionais tolhendo o repassar de certos conhecimentos, muitas alunas do CIC foram estimuladas a seguirem a carreira de professora. Afinal, para a sociedade da época, era preciso que a educação básica fosse instruída por jovens bem educadas, de acordo com a mentalidade moral daquele período. Por causa disso, diversas estudantes empenharam-se na tarefa de adquirir leituras, conhecimentos. Algumas delas, inclusive, fizeram das letras sua profissão e caminho de vida.

NORMALISTAS E ESCRITORAS: AS MULHERES DO COLÉGIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO QUE REPRODUZIRAM SABER

Em épocas anteriores ao século XX, ter acesso ao conhecimento e escrever sobre o que fosse de sua vontade não era algo fácil, para as mulheres, como já enfatizamos neste estudo. “Sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa” (PERROT, 2008, p. 97). Porém, na segunda metade da década de 1950, houve algumas mudanças nesse sentido, primeiro porque as crianças precisavam de mães/professoras instruídas e, depois, por algo referente à modernidade da época, “os homens desejavam ter companheiras inteligentes” (PERROT, 2008, P. 95).

Sendo assim, muitas jovens seguiram pelos universos do ensino, da literatura ou simplesmente pelo caminho do prazer em escrever sobre suas histórias – é o caso, por exemplo, de várias alunas da década de 1950, do CIC, em Fortaleza, que resolveram eternizar suas memórias em livros sobre o colégio e que hoje podem ser usados como fontes de pesquisa. As histórias contadas por elas, as atividades feitas em sala – e inseridas nos livros – demonstram, muitas vezes, nos detalhes das palavras, as inclinações que várias dessas jovens possuíam para a vida intelectual, o que podia ser observado por meio dos poemas de autores famosos, que elas reproduziam, ou simplesmente por serem caracterizadas – segundo as amigas – como amantes da vida intelectual. Dentre as diversas alunas com aptidões para a vida literária, destacam-se as escritoras Francisca Clotilde, Rachel de Queiroz, Holoneida Studart e Stela Quintas

A autora cearense Rachel de Queiroz, apesar de ter se formado em período muito anterior à década de 1950 – pois completou seus estudos, no CIC, em 1925 – é mencionada neste estudo por causa da sua visibilidade nacional e, além disso, por ter inspirado várias gerações de estudantes do CIC. No livro *Colégio da Imaculada Conceição – do Gênese ao Apocalipse*, a escritora ressalta o cunho social do colégio, pelo fato do CIC atender a diferentes públicos econômicos.

Com ele democratizou-se o ensino das moças, pois até então, só fazendeiro rico podia pôr mestra em casa para ensinar às filhas a leitura, a doutrina, o francês e o bordado. E até o piano. Lá, entrei aos dez anos de idade, de lá saí aos quinze, com o meu diploma de professora primária (COLÉGIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO..., 1999, p. 163).

A fala da escritora transparece uma consciência da função que a escola exerceu em Fortaleza, ao disponibilizar um conhecimento mais acessível às jovens da época. Mesmo exercendo sua educação sob os moldes de uma mentalidade na qual a mulher ainda não tinha muita liberdade – tanto que suas principais disciplinas são sempre associadas ao conhecimento das coisas domésticas – o CIC também ofereceu uma educação de qualidade e, apesar das restrições, proporcionou conhecimento intelectual às suas alunas. Contudo, por se tratar de um conhecimento limitado, apenas algumas delas souberam “beber” de tal fonte. Rachel de Queiroz foi, talvez, a mais conhecida, pois sua vasta obra literária imortalizou a ex-aluna do CIC.

Dentro desse contexto, ainda podemos citar Adísia Sá³⁵, jornalista, normalista e referência no cenário cearense. Adísia, assim como Rachel, inspirou gerações, foi homenageada e teve sua vida contada em livros escritos pelas ex-alunas do Colégio da Imaculada Conceição. Sua competência intelectual proporcionou-lhe elogios e encantamento de muitas estudantes do colégio. No livro *Adísia Sá, uma legenda*, lançado no ano de 2005, podemos constatar essas afirmações, por meio dos depoimentos das ex-alunas e de profissionais de áreas variadas, por exemplo:

Eu afirmo que a Adísia Sá é um tesouro, pois ela é uma grande educadora, além de competente, muito solidária, muito humana. Tem ela todas as virtudes que enaltecem uma grande mestra. Lembro que quando contemporânea dela na Escola Normal, ela já era endeusada pelas alunas (Suzana Dias da Costa Ribeiro – ex-aluna do CIC, p. 43).

A professora Adísia Sá, eu diria, é uma figura nacional, porque por sua tenacidade, por sua capacidade e por sua coragem, ela se impôs como um dos ícones da Comunicação, da Pedagogia e da atividade sindical. Ela é uma mulher extraordinária, batalhadora, lutadora e, sobretudo, uma grande pessoa, para tratar os alunos e incentivar, para fazer engrandecer qualquer entidade que ela dirija (Cláudio Pereira – Diretor de Cultura da Associação Cearense de Imprensa e Assessor da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (à época do lançamento do livro), p. 47).

Logo, reconhecemos a valorização da profissional Adísia Sá, seja em qual for o âmbito no qual ela atuou, por meio dos depoimentos supracitados. Isso quer dizer que Adísia, Rachel de Queiroz e tantas outras intelectuais já mencionadas aqui são exemplos de alunas, de mulheres, que souberam driblar as imposições de uma mentalidade patriarcal – na qual um dos objetivos era castrar a capacidade criativa das jovens – construindo carreira e obra com êxito.

³⁵ Adísia Sá foi aluna do Colégio da Imaculada Conceição e concluiu o curso científico em 9 de dezembro de 1951.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo nos possibilitou reconhecer alguns dos muitos contextos históricos e sociais, em que a educação feminina esteve inserida, principalmente no que tange às mulheres da década de 1950, do Colégio da Imaculada Conceição – CIC –, em Fortaleza.

Percebemos, ainda, que no século XX, houve uma intensa proibição das instituições educacionais e do poder patriarcal, em relação ao que a mulher deveria ler, aprender, saber. Desta forma, a educação das jovens era direcionada, principalmente, para o conhecimento ligado aos cuidados com o lar, pois havia um imaginário difundido na crença de que uma mulher culta não era um bom exemplo. Logo, as escolas confessionais acabaram formando sua estrutura educacional com base em tais ideias.

Assim, o Colégio da Imaculada Conceição, de Fortaleza, apesar de ter em seu currículo disciplinar a oferta de disciplinas teóricas, voltadas para o desenvolvimento do intelecto e da vocação artística, também impedia leituras diversas e, por consequência, a aquisição de conhecimentos indispensáveis à vida das jovens que conviviam nas suas dependências.

Entretanto, mesmo com tantas restrições impostas, algumas alunas conseguiram se sobressair, desenvolvendo seu mais profundo espírito criativo e inspirando as futuras gerações de estudantes, sendo elas – as de maior destaque – Rachel de Queiroz e Adísia Sá. Apesar da crença de ser preciso instruir as mulheres apenas “para torná-las agradáveis e úteis” (PERROT, 2008, p. 93), Rachel e Adísia foram além, no tempo e na imortalidade de seus escritos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Literatura Brasileira: tempos, leitores, leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996, 2ªed.

BAUER; GASKELL, Martin W.; George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

COLÉGIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO: do Gênese ao Apocalipse. Fortaleza: Tipoprogresso, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Trad. Enrico Corvisieri. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- JARDILINO, José Rubens L.; SOARES, Leandro de Proença. **CÂNTICO DOS CÂNTICOS: PARTE DO CÂNON SOB CENSURA**. 2009. **Revista Nunes**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. 2009.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. 2ªed. Fortaleza: Premium, 2011.
- MIRANDA, Ana. **Que seja em segredo: escritos da devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII/ pesquisa e introdução de Ana Miranda**. Porto Alegre: L & PM, 2014.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **MULHERES DOS ANOS DOURADOS**. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- SOARES, Maria Norma Maia. **Adísia Sá: uma legenda**. Sobral: Edições UVA, AECIC, 2005.
Roteiro para uma visita ao passado. 2ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.
- TELLES, Norma. **ESCRITORAS, ESCRITAS, ESCRITURAS**. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- <http://www.imaculadafortaleza.com.br/modulo.php>.

XVII CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ

Tecnologias da Educação: passado, presente, futuro



Anais XVII Congresso de História da Educação do Ceará. V.1, 2018, ISSN 2237-2229

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA: DAS DISCUSSÕES EPSTEMOLOGICAS À EDUCAÇÃO BÁSICA

Carlos Rochester Ferreira de Lima³⁶

Gisafran Nazareno Mota Jucá³⁷

Renê Coelho De Sousa³⁸

Morlânia De Holanda Chaves³⁹

Anna Carolina Farias De Araújo Sombra⁴⁰

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir e compreender como os usos das tecnologias aplicadas à educação histórica, em especial a Internet, podem contribuir para a pesquisa e o ensino, tendo como pressuposto às discussões teórico-metodológicas da historiografia, bem como, apropriação das tecnologias da informação e comunicação (TIC's). Desse modo, realiza-se um balanço das concepções e conceitos que permitiram um alargamento no tocante ao uso de novas fontes de pesquisa. As proposições de análise adotadas consistem em entrevistas realizadas com professores e alunos dos cursos de licenciatura em História e docentes da educação básica.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação, Tecnologias da Comunicação, Ensino de História.

³⁶ Doutorando em Educação- História e Educação Comparada, pela Universidade Federal do Ceará, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

³⁷ Professor e Orientador do PPGE/UFC Linha: História e Educação Comparada gisafranjuca@gmail.com.

³⁸ Gerente de Formação Pedagógica na Secretaria de Educação-SEMED-Russas-Ce renecoelho2004@hotmail.com.

³⁹ Coordenadora de Currículo na Secretaria de Educação-SEMED Russas-Ce morlaniachaves@yahoo.com.br.

⁴⁰ Professora EAD UECE. Secretaria de Educação-SEMED-Russas-Ce. annacarolinafariasdearaujo@hotmail.com